

“OLHOS D’ÁGUA”: UM ESTUDO SEMÂNTICO-ENUNCIATIVOIraildes Curvina Alves¹Soila Canam²

RESUMO: A literatura, conforme propõe Antonio Candido, constitui um direito humano fundamental, pois permite ao sujeito compreender-se no mundo e elaborar simbolicamente a experiência, sendo uma forma de organização da realidade que “humaniza em sentido profundo”. Partindo dessa concepção, este trabalho analisa o conto “*Olhos d’água*”, de Conceição Evaristo, narrativa marcada pela densidade afetiva e pela inscrição da memória, do corpo e da ancestralidade negra. O texto tem como referencial teórico a Semântica do Acontecimento, de Eduardo Guimarães, que entende o sentido como um acontecimento de linguagem materializado na/pela enunciação, e que, vai se constituindo na relação entre língua, sujeito e história. Nessa perspectiva, o estudo concentra-se na expressão “olhos d’água”, observando-a em sua materialidade semântica e sintática, a fim de compreender como o enunciado funciona como acontecimento que atualiza memórias, afetos e marcas de dor e resistência. Assim, busca-se evidenciar como, no conto, a linguagem produz sentidos que reorganizam a experiência vivida, revelando o lugar simbólico da água, do olhar e da memória na constituição das subjetividades narradas.

Palavras-chave: Literatura. Semântica do acontecimento. Conto.

“OLHOS D’ÁGUA”: UN ESTUDIO SEMÂNTICO-ENUNCIATIVO

RESUMEN: La literatura, según la propuesta de Antonio Candido, constituye un derecho humano fundamental, ya que permite al sujeto comprenderse a sí mismo en el mundo y elaborar simbólicamente la experiencia, siendo una forma de organizar la realidad que «humaniza en un sentido profundo». Partiendo de esta concepción, este trabajo analiza el cuento «*Olhos d'água*» (Ojos de agua), de Conceição Evaristo, una narración marcada por la densidad afectiva y la inscripción de la memoria, el cuerpo y la ascendencia negra. El texto utiliza como marco teórico la Semántica del Evento, de Eduardo Guimarães, que entiende el significado como un evento lingüístico materializado en/por la enunciación, y que se constituye en la relación entre lenguaje, sujeto e historia. Desde esta perspectiva, el estudio se centra en la expresión «*olhos d'água*», observándola en su materialidad semántica y sintáctica, para comprender cómo el enunciado funciona como un evento que actualiza recuerdos, afectos y marcas de dolor y resistencia. Así, este estudio busca resaltar cómo, en el cuento, el lenguaje produce significados que reorganizan la experiencia vivida, revelando el lugar simbólico del agua, la mirada y la memoria en la constitución de las subjetividades narradas.

Palabras clave: Literatura. Semántica del acontecimiento. Cuento.

Introdução

A literatura, enquanto manifestação artística e cultural, exerce um papel fundamental na formação humana, pois possibilita a construção de sentidos sobre o mundo, amplia perspectivas e desenvolve a capacidade crítica e empática dos leitores.

¹ Graduanda de Letras Português e Espanhol da UNEMAT – Universidade do Estado de Mato Grosso, DEAD.

² Doutora em Linguística pela UNEMAT - Universidade do Estado de Mato Grosso.

O texto literário, além de fornecer o prazer estético, é também fonte mais fascinante do real, por isso, a literatura apresenta a sua função social que induz o homem a refletir sobre os problemas existenciais (Polastrini, p. 8, 2021).

Por meio da ficção, o indivíduo entra em contato com realidades diversas, experimenta conflitos, emoções e modos de existência distintos, o que contribui para o processo de humanização. Assim, mais do que entretenimento, a literatura se constitui como um instrumento formador, capaz de revelar dimensões sociais, políticas e subjetivas da experiência humana, favorecendo o reconhecimento do outro e o entendimento das complexidades que atravessam a vida em sociedade.

No contexto brasileiro, desde o período colonial, a produção literária refletia predominantemente o olhar masculino, eurocêntrico e das elites letradas.

A sociedade colonial brasileira não foi, portanto (como teria preferido que fosse certa imaginação romântica nacionalista), um prolongamento das culturas locais, mais ou menos destruídas. Foi transposição das leis, dos costumes, do equipamento espiritual das metrópoles. A partir dessa diferença de ritmos de vida e de modalidades culturais formou-se a sociedade brasileira, que viveu desde cedo a difícil situação de contacto entre formas primitivas e formas avançadas, vida rude e vida requintada. Assim, a literatura não “nasceu” aqui: veio pronta de fora para transformar-se à medida que se formava uma sociedade nova (Cândido, 1999, p. 12.).

Assim a presença feminina na literatura era praticamente inexistente, seja pela exclusão educacional, seja pelas restrições sociais impostas às mulheres. Quando a literatura surgiu no Brasil, a mulher ocupava majoritariamente uma função passiva: era objeto de representação, e não sujeito de escrita. Sua voz não era considerada legítima, e sua presença enquanto autora enfrentava barreiras culturais, religiosas e educacionais que limitavam sua atuação.

Apesar dessas dificuldades, algumas mulheres conseguiram romper o silêncio imposto pela sociedade patriarcal. A primeira escritora brasileira reconhecida é Teresa Margarida da Silva e Orta, autora do romance *Aventuras de Diófanos*, publicado em 1752. Entretanto, para evitar represálias e preconceitos, escreveu sob pseudônimo masculino, uma estratégia comum entre mulheres que ousavam adentrar o espaço literário. No que diz respeito à representatividade negra, o marco inaugural surge com Maria Firmina dos Reis, considerada a primeira escritora negra do Brasil. Em 1859, publicou *Úrsula*, obra antiescravista que

inaugurou uma perspectiva literária afrodescendente comprometida com a denúncia das violências estruturais que marcavam a sociedade brasileira.

A escolha da obra *Olhos d'Água*, de Conceição Evaristo, para análise neste artigo, se fundamenta justamente na relevância dessa tradição literária inaugurada por mulheres que buscaram romper silenciamentos, invisibilidade e marginalização da mulher. A autora tornou-se uma das vozes mais expressivas da literatura contemporânea ao desenvolver o conceito de “escrivência”, isto é, uma escrita que nasce das vivências, memórias e ancestralidades das mulheres negras brasileiras. A coletânea *Olhos d'Água* (2014) apresenta narrativas que exploram temas como pobreza, racismo, desigualdade, afeto, maternidade e resistência, articulando poesia e denúncia social. O conto “*Olhos d'água*”, que dá nome ao livro, destaca-se por sua sensibilidade e pelo simbolismo atribuído à memória materna, elemento que guia a narradora na reconstrução de sua identidade e de suas origens. A profundidade temática e o compromisso ético presente na obra justificam sua escolha como objeto de estudo, sobretudo em um contexto acadêmico que busca compreender manifestações literárias comprometidas com as experiências marginalizadas.

Inserida no período literário contemporâneo, a produção de Conceição Evaristo integra o movimento da literatura afro-brasileira que, especialmente a partir do final do século XX, ganha força e visibilidade. Esse período caracteriza-se pela diversidade estética, pela multiplicidade de vozes e pela centralidade de debates sociais, sobretudo os relacionados a gênero, raça e desigualdade. Em *Olhos d'Água*, a autora reafirma a importância da literatura como instrumento político e afetivo, ao permitir que histórias historicamente silenciadas sejam narradas a partir da perspectiva de quem vivencia as marcas da opressão. Sua escrita contribui para ampliar o repertório de representações no campo literário brasileiro, evidenciando as vivências de mulheres negras e suas formas de resistência cotidiana.

Abaixo, traremos uma breve biografia da escritora, para situar no tempo histórico os enunciados da alocutora em questão.

Conceição Evaristo – Tecendo a vida

Maria da Conceição Evaristo de Brito, conhecida como Conceição Evaristo, nasceu em 29 de novembro de 1946, em Belo Horizonte, Minas Gerais, no bairro Lagoinha, uma região marcada pela pobreza e pela forte presença de comunidades negras. Vinda de uma família numerosa e chefiada por uma mãe trabalhadora, ela cresceu em um ambiente onde a

luta pela sobrevivência coexistia com a valorização da oralidade, das histórias de família e do legado ancestral elementos que mais tarde marcariam profundamente sua escrita.

Desde a infância, Conceição demonstrou interesse por livros, mas o acesso à educação foi difícil. Trabalhou como empregada doméstica ainda jovem para ajudar no sustento da casa. Mesmo enfrentando limitações, conseguiu concluir os estudos e, aos 25 anos, mudou-se para o Rio de Janeiro. Lá formou-se em Letras pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e tornou-se professora da rede pública, profissão que exerceu por décadas.

Sua estreia literária aconteceu na década de 1990, em antologias da série Cadernos Negros, organizada pelo Quilombhoje Literatura, um coletivo fundamental para a difusão de escritores negros no Brasil. Em 2003, publicou seu primeiro romance, Ponciá Vicêncio, obra que lhe trouxe reconhecimento nacional. A partir daí, consolidou-se como uma das principais vozes da literatura afro-brasileira e do feminismo negro.

Conceição Evaristo desenvolveu o conceito de “escrevivência”, termo que une “escrita” e “vivência”. Ele sintetiza sua proposta de escrever a partir das experiências de vida não só as suas, mas as de mulheres negras brasileiras, suas memórias, dores, afetos e resistências. Sua literatura denuncia desigualdades sociais e raciais, mas também valoriza solidariedade, ancestralidade e força comunitária.

Pesquisar e estudar a Escrevivência de Conceição Evaristo é urgente: compreende uma complexidade que se expressa nos espaços literário, político, histórico; não necessariamente nessa ordem. Escreve o protagonismo das mulheres negras, colocando em questão as desigualdades e preconceitos raciais e de gênero. É ato de defesa de direitos, de formação. É acreditar que toda pessoa tem algo para compartilhar; e que, ao registrar ou publicar, promove sentidos, reconhecimentos e uma compreensão de vida livre e ampla, essencial para que se conheça e se respeite uma sociedade tão diversa (Nunes, 2020, p. 14-15).

Assim, em 2014, lançou a coletânea de contos Olhos d’água, que recebeu o Prêmio Jabuti em 2015, conquistando o 3º lugar na categoria Contos e Crônicas. A obra tornou-se uma das mais estudadas em escolas, vestibulares e concursos públicos, ampliando ainda mais sua projeção.

Conceição prosseguiu sua carreira acadêmica, concluindo mestrado em Literatura Brasileira pela PUC-Rio em 1996 e doutorado em Literatura Comparada pela UFF em 2011. Tem participado de debates internacionais, encontros literários e eventos ligados à cultura negra, conquistando reconhecimento no Brasil e no exterior.

Hoje, é considerada uma das maiores escritoras brasileiras contemporâneas, referência em temas como identidade negra, gênero, memória e resistência. Sua obra e sua trajetória

inspiram novas gerações de autoras e autores, especialmente mulheres negras, que veem em sua escrita um caminho possível para romper silenciamentos históricos.

Assim, traremos as vozes femininas que dizem sobre seu cotidiano, vidas e, também, o silenciamento dessas mesmas vozes em “*Olhos d’água*”.

O redizer de outras mulheres – algumas considerações sobre *Olhos d’água*

A obra “*Olhos d’água*, de Conceição Evaristo” publicada em 2014, retrata de forma sensível e profunda o cotidiano de pessoas negras, sobretudo mulheres, que vivem às margens da sociedade brasileira. A autora constrói narrativas que revelam tanto a dureza quanto a delicadeza da vida, explorando experiências marcadas pelo racismo estrutural, pela pobreza, pela violência e pela exclusão social. No entanto, essas histórias não se limitam ao sofrimento: nelas também habitam afeto, solidariedade e resistência.

A obra dá voz às mulheres que enfrentam jornadas árduas, que cuidam de filhos sozinhas, que trabalham em empregos precarizados e que carregam nos corpos e nas memórias as marcas históricas de uma vida sofrida e precária. Mesmo diante da escassez e da dor, essas personagens encontram maneiras de seguir adiante, construindo laços comunitários e demonstrando força diante das adversidades. O amor, especialmente, o materno aparece como força vital, capaz de sustentar e humanizar vidas atravessadas pela violência cotidiana.

Outro elemento central é a memória. Muitos contos trazem recordações que atravessam gerações e conectam as personagens às suas ancestralidades. A autora explora essa dimensão por meio da “*escrevivência*”, termo que ela mesma cunhou para definir uma escrita que nasce das vivências individuais e coletivas de pessoas negras. Assim, cada narrativa carrega fragmentos de histórias reais, transformadas pela linguagem poética de Evaristo em literatura de grande impacto emocional e político.

Também são recorrentes na obra episódios de violência urbana, perdas precoces e rupturas familiares, especialmente envolvendo crianças e jovens negros. Evaristo denuncia a brutalidade dessas realidades sem perder de vista a subjetividade das personagens, revelando suas angústias, medos, esperanças e sonhos. A violência nunca é tratada como mero dado, mas como parte de uma estrutura social que desumaniza.

Ainda assim, *Olhos d’água* é atravessado por luz. Há esperança nos pequenos gestos de cuidado, no encontro entre mulheres, no nascimento de uma criança, na preservação de memórias e saberes ancestrais. É nesses detalhes que a autora encontra beleza e possibilidade de futuro.

A seguir traremos os procedimentos teóricos e metodológicos da semântica do acontecimento, que balizam nossas análises ao longo do conto.

A semântica do acontecimento: algumas considerações

A semântica do acontecimento ou semântica da enunciação, teoria construída por Eduardo Guimarães, estabelece que

a constituição do sentido é enunciativa, ou seja, é constituída pelo acontecimento da enunciação. Este acontecimento se apresenta por uma temporalidade própria que significa no que se diz. O acontecimento da enunciação se dá nos espaços de enunciação e agenciam o falante a enunciar dos lugares de enunciação que constituem a cena enunciativa e assim a relação de alocação de um lado e a relação com o que se diz, e como, de outro (Guimarães, 2023, p. 118).

O autor estabelece uma perspectiva fundamentalmente dinâmica sobre a linguagem: o sentido não é preexistente, mas sim um efeito da enunciação. Em outras palavras, o significado de qualquer coisa que dizemos não reside unicamente nas palavras em si, mas é constituído no exato momento em que o ato de dizer acontece. É esse ato, o acontecimento da enunciação, que confere significado.

Essa fundação do sentido está intrinsecamente ligada a uma temporalidade própria. O sentido se constrói e se revela durante o processo do dizer, e não apenas no produto final. A maneira como as palavras são escolhidas e sequenciadas naquele instante específico de produção discursiva é o que dá corpo à significação.

Com isso, Karim (2012, p. 77) enfatiza que se trata do “espaço no qual os falantes enunciam marcados pelos lugares sociais e lugares de dizer, são estas marcas que os constituem, os distinguem sócio-historicamente e os identificam enquanto sujeitos sociais”

Nesse sentido, a articulação desses elementos forma a cena enunciativa, que é o lugar onde as línguas se encontram e disputam hierarquicamente seu poder, em outras palavras, é nesse momento que uma língua silencia a outra. É nessa cena que se definem as duas grandes relações constitutivas do sentido.

As línguas, na teoria enunciativa, se encontram e, diante das posições sociais que ocupam, são autorizadas a falar. Na literatura, por exemplo, podemos observar esse movimento, onde o litígio, ou seja, a disputa entre as línguas ocorre, torna-se visível.

A exemplo disso,

a obra de Anchieta e a prática extensiva da língua geral indicam que poderia ter-se desenvolvido no Brasil uma cultura paralela e um bilinguismo equivalente ao que ainda existe no Paraguai (devido também à catequese jesuítica). Essa concorrência alarmou as autoridades metropolitanas, interessadas em **usar o seu próprio idioma como instrumento de domínio e homogeneização cultural, a ponto de, no século XVIII, proibirem o uso da língua geral nas regiões onde ela predominava.**

Isto é dito para destacar uma das funções da literatura culta no Brasil Colonial; impor a língua portuguesa e registrá-la em escritos que ficassem como marcos, ressaltando a sua dignidade de idioma dos senhores, ao qual todos deveriam submeter-se, como afinal acabou acontecendo (Cândido, p. 19, 1999. Grifos nossos).

Nessa passagem, é possível notar o funcionamento da língua portuguesa, idioma oficial do Brasil Colônia, utilizada como instrumento de poder e dominação sobre as demais línguas, indígenas e africanas. Visto que, nesse período, essas três línguas coexistiam, porém, apenas os falantes da língua portuguesa poderiam usar a fala.

Diante desse comportamento das línguas na cena enunciativa, e, entendendo que o litígio estabelece, em certa medida, uma manutenção da hierarquia entre os alocutores e alocutários, é constatado o silenciamento dos papéis sociais das mulheres negras. Seja como alocutoras ou alocutárias.

A seguir demonstraremos como é realizado o funcionamento semântico e enunciativo no conto “Olhos d’água”, quais sentidos projetam e, ainda, quais sentidos estariam estabilizados na história.

O que diz o conto *Olhos d’água* - algumas reflexões à luz da enunciação

A formação nominal “Olhos d’água”, na análise morfológica se constitui por dois substantivos e uma preposição. “Olhos” é o primeiro substantivo comum da expressão e está no plural. A partícula ‘d’ é a preposição “de” contraída com o artigo definido “a” (subentendido, referindo-se à “água”) e, “água” é o segundo substantivo comum, que aparece no singular.

Ao analisarmos sintaticamente a expressão "Olhos d'água" constata-se que é uma locução substantiva — um conjunto de palavras que funciona como um único substantivo e que geralmente significa "nascente" ou "mina d'água".

Nesta locução, o termo "Olhos" atua como o núcleo do sintagma. O termo "d'água" (que é uma locução prepositiva formada pela preposição "de" + o substantivo "água") funciona como adjunto adnominal. Sua função é especificar, delimitar e qualificar o substantivo "Olhos", indicando a sua natureza (olhos feitos de ou relacionados à água).

O sintagma que dá origem à narrativa é “de que cor eram os olhos de minha mãe?” E por intermédio dessa interrogação as memórias da personagem são revividas. A mãe é a figura central do conto. A figura paterna, porém, é suprimida.

A realidade, não está apenas no conto, mas também no cotidiano. Ao compararmos os lares chefiados por mulheres e homens, a diferença é extremamente significativa. De acordo com os dados do IBGE de 2022, cerca de “10.321.771 de casas são chefiadas por mulheres que moram apenas com os filhos. Enquanto isso, apenas 1.614.739 de domicílios são comandados por homens que também criam seus filhos sozinhos³”.

Nesse cenário, onde as memórias da infância materna se entrelaçam com as memórias da personagem, encontramos a repetição de uma vida marcada por dificuldades financeiras e, sobretudo, pela fome. Conforme o excerto abaixo.

Às vezes, as histórias da infância de minha mãe confundiam-se com as de minha própria infância. Lembro-me de que muitas vezes, quando a mãe cozinhava, da panela subia cheiro algum. Era como se cozinhasse, ali, apenas o nosso desesperado desejo de alimento. As labaredas, sob a água solitária que fervia na panela cheia de fome, pareciam debochar do vazio do nosso estômago, ignorando nossas bocas infantis em que as línguas brincavam a salivar sonho de comida. E era justamente nesses dias de parco ou nenhum alimento que ela mais brincava com as filhas. Nessas ocasiões a brincadeira preferida era aquela em que a mãe era a Senhora, a Rainha. Ela se assentava em seu trono, um pequeno banquinho de madeira.

No trecho, “Lembro-me de que muitas vezes, quando a mãe cozinhava, da panela subia cheiro algum. Era como se cozinhasse, ali, apenas o nosso desesperado desejo de alimento” está explícita a temática da fome. Na expressão, “da panela subia cheiro algum”, significa que a panela estava vazia, não havia alimento sendo preparado.

³ <https://avozdaserra.com.br/noticias/uma-homenagem-maes-coragem>

Dessa maneira, ao analisarmos o quadro da fome no Brasil, conforme as considerações de José Cicero⁴, observamos que “o Brasil está fora do Mapa da Fome, segundo a Organização das Nações Unidas para a Alimentação e Agricultura (FAO/ONU). Isso significa que menos de 2,5% da população está em situação de subnutrição, mas não que a fome acabou”. Isso demonstra a desigualdade social, cultural e econômica no nosso país.

Desse modo, o trecho “E era justamente nesses dias de parco ou nenhum alimento que ela mais brincava com as filhas” representa a diferença entre a fome moderada e a severa.

A designação da palavra “mãe” produz sentidos diversos como guerreira, trabalhadora, sofrida, resiliente e protetora. A figura materna reescrita metonimicamente pela expressão olhos é, sem dúvidas, o termo que denota a coexistência da dualidade “alegria e tristeza”.

O termo mãe é um substantivo feminino que significa, segundo o dicionário on-line Michaelis⁵:

1 Mulher que deu à luz um ou mais filhos e os cria ou criou.

2 Fêmea de animal que deu à luz uma ou mais crias.

3 por ext Pessoa generosa e bondosa que dispensa cuidados maternos, que protege muito aos outros.

Assim, os sentidos mobilizados a partir da designação do termo mãe referem-se a uma mulher bondosa, generosa, cuidadora e protetora. No conto, a personagem central é a mãe. Em várias ocasiões, em particular, nos momentos em que não havia alimentos a mãe estava presente nas brincadeiras, como vemos na passagem “nessas ocasiões a brincadeira preferida era aquela em que a mãe era a Senhora, a Rainha”.

Com isso, os predicativos Senhora e Rainha produzem sentidos como riqueza, fartura, imaginação, sonhos e desejos.

Considerações finais

Analisar o conto “Olhos d’água” revela-se pertinente tanto para compreender os processos de formação humana mediados pela literatura quanto para reconhecer a importância da representatividade no cenário literário brasileiro. Ao mobilizar temas sensíveis e, ao mesmo tempo, profundamente humanos, Conceição Evaristo insere-se em uma

⁴ Artigo retirado do site <https://apublica.org/2025/08/fome-no-brasil-nao-acabou-diz-pesquisador/>

⁵ <https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/m%C3%A3e/>

tradição de escritoras que transformaram a literatura em espaço de luta, memória e afirmação identitária.

Segundo Cândido (p. 25, 2006) as obras literárias, em seu processo de criação “marcam, em todo o caso, os quatro momentos da produção, pois: a) o artista, sob o impulso de uma necessidade interior, orienta-o segundo os padrões da sua época, b) escolhe certos temas, c) usa certas formas e d) a síntese resultante age sobre o meio”.

Assim, Candido descreve o processo de criação literária como uma interação complexa e dialética entre o artista e seu meio social. Desse modo, a obra de arte não é um produto isolado, mas sim o resultado da atuação de quatro fatores interconectados que marcam sua produção. Primeiramente, o artista, impulsionado por uma "necessidade interior", orienta seu impulso criativo segundo os padrões culturais e estéticos de sua época. O autor enfatiza o caráter social e dinâmico da literatura, que, ao mesmo tempo em que é moldada pela sociedade, possui também o poder de questionar, emocionar e, fundamentalmente, influenciar o mundo ao seu redor, completando um ciclo de interação mútua.

Nessa perspectiva, encontramos na obra temas sociais que representam uma grande parcela da sociedade brasileira marcada pela vulnerabilidade social, econômica e emocional. Assim, ao designarmos a expressão “Olhos d’água” projetamos sentidos e, ao mesmo tempo, mobilizamos memórias referentes à dor, fome, pobreza, dificuldades, tristezas, abandono e impotência diante das adversidades da vida. Por outro lado, novos sentidos são construídos através do relacionamento entre mãe e filhas envolvendo a proteção, resistência, resiliência, ancestralidade, respeito, saudade, amor, cuidado e carinho.

Desse modo, ao entrelaçar leitura e teoria, conto e semântica, entendemos que a futuridade, ou seja, as projeções futuras - os novos sentidos – serão constituídos a partir do presente da enunciação. Ainda que, alguns sentidos estejam estabilizados na história, novos sentidos serão projetados. E, talvez, possamos, em algum tempo da história, viver sem a fome, o medo e o abandono. Outrossim, sejamos um país de igualdade, solidariedade, segurança, justiça e equidade.

REFERÊNCIAS

CANDIDO, Antonio. **Iniciação à literatura brasileira**: resumo para principiantes– 3. ed.– São Paulo: Humanitas/ FFLCH/USP, 1999.

CANDIDO, Antonio. **Literatura e Sociedade**. Ouro sobre Azul. 9^a Edição. Rio de Janeiro 2006.

EVARISTO, Conceição. **Olhos d'água**. Pallas: Fundação Biblioteca Nacional: [s. n.], 2014.

GUIMARÃES, Eduardo. **Sobre teoria e método em semântica da enunciação Línguas e Instrumentos Linguísticos**, Campinas, SP, v. 26, n. 51, p. 116-134, jan./jul., 2023. Disponível em< <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/lil/article/view/8671816/32205>>. Acesso em novembro de 2025.

KARIM, Taisir Mahmudo. **Dos nomes à história - o processo constitutivo de um estado: Mato Grosso / Taisir Mahmudo Karim**. Campinas, SP: Tese (doutorado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem, 2012. Disponível em<http://repositorio.unicamp.br/bitstream/REPOSIP/270579/1/Karim_TaisirMahmudo_D.pdf>. Acesso 21 set. 2026.

NUNES, Isabella Rosado. **Sobre o que nos move, sobre a vida**. Escrivência: a escrita de nós: reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo / organização Constância Lima Duarte, Isabella Rosado Nunes; ilustrações Goya Lopes. -- 1. ed. -- Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte, 2020.

ORTA, Teresa Margarida da Silva e. **Aventuras de Diófanos**. Lisboa: Oficina de Miguel Rodrigues, 1752.

POLASTRINI, Leandro. **Teoria Literária I: Línguas, artes e literaturas**. Cáceres: Layout Gráfica, 2021. Disponível em <https://portal.unemat.br/media/files/Teoria%20Liter%C3%A1ria%20I.pdf>> acesso em novembro de 2025.